



Educação. Revista do Centro de Educação

ISSN: 0101-9031

claubell@terra.com.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Araújo Esperança, Joice; Sobral Dias, Cleuza

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados e seriados televisivos
sob olhares infantis

Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 35, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 533-546
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, RS, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117116968013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados e seriados televisivos sob olhares infantis

Joice Araújo Esperança
Cleuza Sobral Dias

Resumo

Este artigo apresenta reflexões suscitadas por uma experiência investigativa acerca do consumo televisivo na infância. O referido estudo buscou conhecer as interações que as crianças estabelecem com as produções televisivas, identificando as aprendizagens construídas pelos telespectadores infantis ao se apropriarem de suas mensagens e conteúdos. Participaram da pesquisa 24 crianças, estudantes de uma escola da rede pública de ensino do município de Rio Grande. Sob a orientação dos pressupostos da abordagem qualitativa, foram realizadas observações, entrevista coletiva e organizadas situações de reflexão, debate e produção na sala de aula, focalizando o desenho animado *Três Espíritos Demais* e o seriado *Power Rangers Força Animal*, o que permitiu conhecer as interpretações do grupo a respeito dos seus enredos e personagens. Ao longo deste texto, em específico, problematiza-se o gênero como categoria de análise, evidenciando que as produções televisivas direcionadas às crianças contêm representações marcadas por oposições e dualismos, ensinando modos de ser menina e menino pautados em significados culturais hegemônicos.

Palavras-chave: Produções televisivas; Crianças; Representações de gênero

Boys versus girls: representations of gender in cartoons and TV series according to the children's view

Abstract

This article presents insights raised by an investigative experience concerning the television consumption in childhood. Such study aimed at learning the interactions established by children with such shows, identifying what is learned by them as viewers as they get the message and content from the media. Twenty-four children took part in this study, all of whom were students from public schools in the city of Rio Grande-RS. Under the orientation of qualitative approach assumptions, observations and interviews were carried out, in order to understand how the access to TV was processed within the family environment, as well as

* Pedagoga, Mestre e Doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande, Professora Assistente do Instituto de Educação da referida instituição. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Doutora em Educação, professora do Instituto de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

to find out the preferences of children concerning TV shows. As the study went on, reflective situations were proposed, debated and produced in the classroom, focusing on the cartoon *Totally Spies* (Três Espiões Demais) and TV series *Power Rangers Wild Force* (*Power Rangers Força Animal*), which enabled us to unveil the interpretations of the group concerning to the plots and characters of such shows. Throughout the text, specifically, gender is focused as a category of analysis, highlighting that TV shows tailored to children build constructs based on oppositions and dualisms, teaching differentiated ways of being for girls and boys based on hegemonic cultural meanings.

Keywords: TV shows; Children; Gender representations.

A TV como espaço de aprendizagem

O consumo televisivo na infância tem mobilizado o interesse de professores/as e pesquisadores/as. Isso não acontece por acaso. Quem convive com as crianças no cotidiano escolar observa a presença dos temas, conteúdos e personagens da mídia televisiva em suas relações.

Diversos estudos, cujo foco de análise recai sobre as formas de acesso e os usos da TV entre as novas gerações (PORTO, 2000; GROEBEL, 2002; MERLO-FLORES, 2000, 2003), assinalam as aprendizagens construídas por crianças e jovens a partir da mídia televisiva, atentando para o ato de que ela excede os limites do entretenimento, constituindo-se, a exemplo da escola, como um local de ensino (GIROUX, 2001). A televisão veicula informações, conhecimentos e valores que se dirigem à educação das crianças na contemporaneidade (FISCHER, 2003).

Orientadas por este entendimento, desenvolvemos uma pesquisa com o intuito de investigar as interações que as crianças estabelecem com as produções televisivas, buscando identificar as aprendizagens construídas pelos telespectadores infantis ao se apropriarem dos conteúdos e personagens da mídia.

Trajetória investigativa

A investigação foi vivenciada com 24 crianças, na faixa etária de 7 a 9 anos, de uma escola da rede pública do município de Rio Grande/RS no decorrer dos anos letivos de 2005 e 2006. Sob a orientação dos pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa,¹ foram realizadas observações e entrevistas, a fim de compreender como se processava o acesso à TV no ambiente familiar, bem como conhecer as preferências das crianças concernentes à programação televisiva.

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados seriados televisivos sob olhares infantis

A partir das observações e do convívio com o grupo participante da pesquisa, identificamos as brincadeiras, os desenhos e as narrativas orais como formas de expressão privilegiadas das crianças. A entrevista coletiva permitiu conhecer o que o grupo preferia assistir na TV: o desenho animado *Três Espiões Demais (Totally Spies)* e o seriado *Power Rangers Força Animal (Power Ranger Wild Force)*, embora o conjunto dos dados aponte o acesso ilimitado às demais grades da programação dos canais abertos. Na continuidade da investigação buscamos conhecer as interpretações e olhares do grupo acerca dos conteúdos e personagens dos referidos materiais televisivos, a partir de situações contextuais de reflexão, debate e produção na sala de aula. No processo de análise identificamos aproximações entre as diversas manifestações documentadas.

Neste texto, em específico, elegemos o gênero como categoria central de análise, com a intenção de problematizar o conjunto de representações construídas socialmente para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos (AUAD, 2006). Portanto, entendemos que as identidades de gênero são construídas no âmbito da cultura e buscamos problematizar a visão naturalizada e essencializada que caracteriza meninas e meninos, homens e mulheres nas produções televisivas direcionadas aos públicos infantis, privilegiando as manifestações e as interpretações formuladas pelo grupo de crianças participante da pesquisa.

Interesses e preferências das crianças pelas produções televisivas

“Desenho de guri”... “desenho de guria”... Assim as crianças identificavam os desenhos animados e justificavam suas preferências. Portanto, apesar das meninas citaram o desenho animado *Três Espiões Demais* e apenas meninos citaram o seriado *Power Rangers Força Animal* respectivamente como seus favoritos. Ademais, os meninos afirmaram não assistir aos desenhos animados protagonizados por personagens meninas e mulheres, isto é, *Três Espiões Demais* e *Meninas Superpoderosas (Power Puff Girls)*. Já as garotas expressaram descontentamento em relação aos desenhos que apresentavam garotos como personagens principais, tais como: *Jackie Chan, Megaman, Homem-aranha (Spider-man), Beyblade e Dragon Ball Z*.

As narrativas das crianças registradas no contexto da pesquisa sugerem que a expressão “desenho de guri” era empregada para classificar as produções televisivas que retratavam garotos como personagens principais e enredos que giravam em torno de temas sobre embates físicos, competição e automobilismo. No extremo oposto dessa classificação, encontravam-se os “desenhos de guria”, aqueles que possuíam protagonistas garotas e, em algum ponto de seus enredos, abordavam temas relacionados ao que tradicionalmente é associado ao universo cultural feminino: ênfase em relacionamentos amorosos, amizade, roupas e maquiagem. Portanto, havia uma nítida oposição nos conteúdos, nos cenários e nos temas focalizados pelas produções televisivas que concentravam o interesse de meninas e de meninos.

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

Essas distinções estabelecidas pelas crianças levam a crer que os enredos e personagens das produções televisivas direcionadas aos públicos infantis privilegiam representações estereotipadas e padronizadas acerca dos modos de ser menina e de ser menino a partir de associações acentuadamente restritivas quanto aos seus comportamentos, ocupações, preferências e aspirações. Assim, os desenhos animados e seriados, ao lado de outras produções da mídia, constituem-se como instâncias educativas que colocam em circulação concepções de gênero, as quais, na maior parte dos casos, enfatizam determinados padrões hegemônicos de masculinidade e de feminilidade (RAEL, 2007).

O confronto de interesses e preferências é percebido também em suas relações durante o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que as crianças se afrontaram ao ouvirem respostas diferentes das suas: as meninas dizendo que os desenhos animados citados pelos meninos eram “muito chatos”, “sem graça” e os meninos caracterizando os desenhos animados preferidos pelas meninas como “nada a ver”. As diferenças marcantes entre as preferências de meninos e meninas aparecem ainda em outras manifestações, como as brincadeiras inspiradas nos enredos e personagens das produções televisivas.

Ações lúdicas inspiradas nas produções televisivas

Uma vez que as brincadeiras se relacionam com o contexto social e cultural no qual as crianças se inserem, elas incorporam também elementos presentes na televisão, fornecedora generosa de imagens variadas (BROUGÈRE, 2004). E a apropriação de temas e conteúdos da TV expressos na organização de brincadeiras também suscita reflexões sobre as representações de gênero construídas pela mídia.

Os meninos optavam pelo seriado *Power Rangers Força Animal* e pelo desenho animado *Dragon Ball Z* como tema para a organização de brincadeiras, enquanto as meninas inspiravam-se no desenho animado *Três Espiãs Demais*, nas personagens da novela *América*, exibida pela emissora Rede Globo durante o desenvolvimento da pesquisa, e em cantoras famosas, como Sandy e Kelly Key, para brincar.

Porém, a separação entre os grupos de meninas e de meninos podia ser observada em outras brincadeiras, não apenas naquelas associadas à manipulação dos conteúdos de desenhos animados seriados e televisivos, como brincar de casinha ou vestir bonecas entre as meninas, enquanto os meninos brincavam com carrinhos e caminhões, travavam competições com bonecos e jogos de bola de gude. Diante disso, constatamos que o fato de meninos e meninas expressarem interesses e escolhas distintas durante as brincadeiras relacionava-se não apenas com o acesso a produções da mídia que constroem representações de gênero caracterizadas por oposições binárias. Essa seria uma maneira determinista de pensar acerca do modo como as crianças atribuem

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados seriados televisivos sob olhares infantis

sentidos a essas produções, já que ignora as construções sociais e culturais que engendram diferenças e levam a separação entre meninas e meninos.

Ao se considerar as interpretações que as crianças elaboram acerca dos desenhos animados, filmes e seriados televisivos não se pode ignorar os fatores culturais distintos relacionados ao que socialmente é admitido e valorizado no tratamento de meninas e meninos. Nessa perspectiva, Jones (2004) destaca que os pais têm a tendência de não derrubar as filhas no chão nem lutarem com elas, como fazem com os filhos, dão mais ênfase à aparência das meninas, dão mais atenção aos machucados e às dores das meninas. Ainda que a mídia veicule significados sobre as identidades de gênero, isto é, o modo como socialmente se vive a masculinidade ou a feminilidade (LOURO, 2005), ela não opera em um vácuo sociocultural (DURKIN; LOW, 2000), mas articula-se a outros espaços e experiências – como as que são vividas na família, na escola, nos grupos de pares ou de iguais – pelas quais os sujeitos constroem aprendizagens diversas.

Entretanto, isso não impede a afirmação de que as diferenças marcantes de temas, associadas à caracterização dos comportamentos de meninos e meninas nos desenhos animados e seriados, contribuem para delimitar a separação de suas brincadeiras ou relegar às meninas posições coadjuvantes, quando se valem de temas das produções televisivas para brincar. Sobre essa ótica de pensamento, Giroux (2001) adverte que os desenhos animados, enquanto máquinas de ensino ou produtores de cultura, legitimam concepções acerca do masculino e do feminino. Segundo o referido autor, em muitas dessas produções, as personagens são elaboradas dentro de identidades de gênero estritamente definidas, reforçando estereótipos negativos sobre as meninas e sobre as mulheres. Como exemplo, esse autor ressalta as personagens que vivem os casos de amor e abdicam de seus ideais, citando o papel de submissão da mulher, no filme *A Pequena Sereia*, em que a protagonista Ariel é advertida de que os homens não gostam de mulheres que falam.

E, do mesmo modo que os desenhos animados reforçam estereótipos acerca das meninas, as produções da mídia também fornecem elementos para meninos construírem noções sobre masculinidade e sobre o que significa ser garoto (CHRISTIAN-SMITH; ERDMAN, 2001). Desse ponto de vista, os super-heróis, as cenas de luta e as armas de brinquedo tradicionalmente entram no escaninho do que conhecemos como “cultura dos meninos” (JONES, 2004) e a escolha de um tema em específico entre eles para organizar brincadeiras afirmam esse padrão dominante construído por diversas instâncias educativas, como os desenhos animados, seriados televisivos e filmes direcionados às crianças.

Meninos e violência (de faz-de-conta)

No contexto da pesquisa, um tema central prevalece nas interações compartilhadas entre meninos e que remetem à ludicidade: a violência de fa-

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

de-conta. O fascínio pela violência verificado nas brincadeiras dos meninos relacionava-se às *performances* das personagens e aos efeitos ficcionais dos raios, dos robôs e dos monstros sobrenaturais, assim como às trilhas sonoras que tornavam atrativas aos seus olhos a disputa entre heróis e vilões.

A partir das brincadeiras os meninos reproduziam as ações dos personagens num contexto em que a fantasia assumia importância significativa. Brincar de *Power Rangers* incluía as encenações de lutas “de mentira”, que causavam espanto entre as professoras, pois essas não conseguiam distinguí-las dos conflitos e dos desentendimentos reais. Ao observarmos a preocupação de uma das professoras da escola em cessar uma suposta briga entre dois meninos, surpreendeu-nos a fala de um deles, alertando-a de que não estavam brigando, mas brincando.

As observações e a participação em suas interações levaram a concluir que a reprodução das ações dos personagens constituía-se em uma regra para a organização das brincadeiras; afinal, as referências acessadas por meio do seriado, tais como a escolha de cores que identificam heróis e heroínas, eram eleitas como tema para brincar, exigindo o uso e a manipulação dos conteúdos dos episódios, ou seja, para brincar de *Power Rangers* era preciso obedecer a aspectos do enredo, já que a brincadeira era de encenação.

Todavia, constatamos que as frequentes retratações de lutas simuladas nas produções televisivas acessadas pelas crianças participantes da pesquisa não promoviam apenas entretenimento e diversão: ao associarem significados culturais dominantes, como coragem e autoridade, à masculinidade, convocavam os meninos a se identificarem com tais representações.

A análise das ações lúdicas compartilhadas entre meninos não deixa dúvidas de que a violência de faz-de-conta é um tema recorrente. De modo análogo, as manifestações das meninas suscitam reflexões acerca da apropriação do repertório de imagens, conteúdos e personagens disponibilizados pela programação televisiva e expressos nas interações coletivas, como as conversas e brincadeiras.

Meninas e relações de consumo

A observação das ações lúdicas compartilhadas entre as meninas no desenvolvimento da pesquisa revela que, embora os desenhos animados protagonizados por personagens meninas e mulheres não enfatizem de forma acentuada a violência de faz-de-conta, põem em relevo o consumo como fator de pertencimento e de diferenciação, assim como enfatizam sobremaneira os atributos físicos das personagens.

Além disso, percebemos, de modo marcante nos relacionamentos entre meninas hierarquias condicionadas devido à posse de objetos alvo da

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados seriados televisivos sob olhares infantis

publicidade. Nesses momentos, as trocas e empréstimos de brinquedos, acessórios de maquiagem e material escolar induziam provocações e desentendimentos, os quais culminavam com a organização de subgrupos demarcados pela oposição entre “estar de bem” e “estar de mal”.

As meninas conheciam as variações da boneca Barbie e os produtos que acompanham a marca das personagens *Hello Kitty* e *Meninas Superpoderosas*. Pelas propagandas mantinham-se atualizadas sobre os lançamentos de roupas, calçados, maquiagens e brinquedos que vêm acompanhados de acessórios e brindes. Suas manifestações sugerem que, assim como no entretenimento audiovisual, a publicidade produz representações quanto aos modos de ser menino e de ser menina a partir da oferta de produtos, como jogos e brinquedos, destinados às crianças. Nesse sentido, Brougère destaca a construção de referências culturais através do brinquedo, lembrando que as representações do masculino e do feminino se expressam por meio desses objetos lúdicos, consagrando significados hegemônicos:

[...] à infância, são associadas, por tradição cultural, representações privilegiadas do masculino e do feminino. O universo do brinquedo feminino é, nesse aspecto, muito interessante por tratar-se daquele considerado como tal pela sociedade, [...] independentemente das brincadeiras efetivas mais abertas à diversidade: privilegia o espaço familiar da casa, em detrimento do exterior, do universo do trabalho. [...] Portanto, manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais numa determinada sociedade (BROUGÈRE, 2004, p. 43)

As observações realizadas no contexto da pesquisa sugerem que as mensagens e personagens da mídia, enquanto construções simbólicas, reforçam a associação entre meninas/mulheres e o ambiente doméstico, além de enfatizarem o consumo exacerbado ou supérfluo. A notável multiplicidade de cores e modelos de bonecas oferecidas para compra nas propagandas, referenciadas nas narrativas das meninas do grupo, intensificam o apelo de que todas sejam adquiridas. Embora essas associações sejam percebidas pela maioria das crianças de forma naturalizada, elas são socialmente engendradas e, como assinala Auad (2006), tomam a feição de naturais de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas.

Algumas meninas justificaram o consumo desmedido que caracteriza os comportamentos das personagens do desenho animado *Três Espiãs Doidas mais*,² ressaltando que as mesmas moldam seus comportamentos a fim de agradar namorados: “A espiã amarela compra muito pra se enfeitar, ficar bonita pro namorado, esquiar com ele”; “Se eu tivesse dinheiro eu ia ser que nem elas comprar um monte de roupas, jóias”. Essa constatação afirma que, através do

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

desenhos animados e seriados televisivos infantis, a mídia constrói significados sobre beleza feminina e representações particulares de meninas e mulheres através de imagens objetificadas de embelezamento e consumismo (JIPSON; REYNOLDS, 2001).

Portanto, embora as meninas não demonstrem interesse pelos embates e confrontos físicos veiculados nas produções televisivas direcionadas aos públicos infantis, não significa que em suas falas e interações as desavenças e conflitos estejam ausentes, apenas assumem outras formas, como sugerem as narrativas que enfatizam a aparência e a rivalidade entre as personagens do desenho animado *Três Espiãs Demais*: “Tem a feia que tenta imitar tudo delas”, “Tem uma que odeia as espíãs, ela anda toda de roxo pelo corredor da escola”.

Além disso, nas ações lúdicas praticadas entre as meninas percebe-se a ênfase nas relações interpessoais e nos conflitos emocionais vividos pelas protagonistas do desenho animado *Três Espiãs Demais* e do seriado *Power Rangers Força Animal*, o que também é constatado em suas interpretações acerca dos enredos e personagens dessas produções televisivas.

Interpretações das crianças acerca dos enredos e personagens

Ao expressarem pontos de vista sobre as questões de consumo abordadas no desenho animado *Três Espiãs Demais*, caracterizando o comportamento das personagens e mencionando o que admiravam nelas, prevalecem as diferenças entre as interpretações de meninas e meninos.

Além de mencionarem o fato de as heroínas se envolverem em missões para salvar o destino do planeta, as meninas citaram vestimentas e acessórios, referindo-se constantemente a características que remetem à aparência das protagonistas. É o que expressam as seguintes narrativas: “Eu gosto da espia amarela porque ela é mais bonita, ela tem o cabelo curtinho”; “Eu gosto é que elas são tri charmosas, são bonitas e também quando elas fazem as coisas, um penteado no cabelo, elas ficam mais bonitas ainda”; “Eu gosto dos cintos delas. Eu gosto de tudo que é delas mesmo”.

No princípio, os meninos recusaram-se a participar da conversa e afirmaram não assistir ao desenho animado *Três Espiãs Demais*. Contudo, no desenrolar do diálogo, as questões relacionadas à ficção despertaram seu interesse e eles passaram a relatar sobre os episódios a que tinham assistido. Portanto, em suas falas, a ficção foi ressaltada de modo significativo: “Elas têm uma bota que vai pra cima, sai fogo dos pés”; “Elas tinham uma bicicleta que andava na parede”; “Eu gosto da amarela, a mochila dela tem um fogo que faz ela voar”.

Pelos posicionamentos dos meninos, percebe-se que o que desperta o seu interesse, além dos objetos/instrumentos de ficção e o fato de as heroínas agirem pró-socialmente, são os meios de transporte, como carros, aviões e bici-

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados seriados televisivos sob olhares infantis

cletas, que as personagens usam em suas missões de espionagem. É o que sugerem as falas transcritas a seguir; “Eu fiz a loira, a bicicleta, o carro. Elas lutam, elas ajudam as pessoas, ajudam a terra do planeta. Essa pegou o carro, levou as duas e deu a bicicleta pra ela; “Eu fiz a espiã amarela, o carro dela eu trouxe pra casa dela. Eu gosto porque elas lutam e salvam as pessoas”.

Contudo, se os meninos se envolveram no diálogo coletivo e participaram dele mencionando suas preferências e pontos de vista, evidenciaram na introdução das suas falas a preocupação em assinalar que não tinham como hábito assistir ao desenho animado das espiãs, já que classificaram essa produção televisiva como “desenho de guria”. Isso se manifesta nas seguintes narrativas: “Eu só vejo os *Rangers*, mas hoje eu vi um pedacinho desse desenho sem querer”; “Eu nunca vejo as espiãs, mas hoje eu vi uma metade”.

Ao passo que no diálogo sobre o desenho animado *Três Espiãs* os meninos falam mais os meninos tiveram uma participação comedida e alguns até recusaram-se em participar, monopolizaram o diálogo acerca do seriado *Power Rangers*, limitando a participação das meninas. No momento em que uma das pesquisadoras convocou as meninas a participarem mais ativamente da conversa, os meninos interceptaram a fala de uma delas, dizendo: “As meninas têm mais medo que ficar quietas que elas nem entendem de *Power Rangers*”, “Elas não precisam falar, mulher não gosta de brincar disso”.

Em relação a esse seriado, ao falarem sobre as personagens, permitem que nem as diferenças nas interpretações de meninos e meninas, assim como nenhuma ênfase e seleção de aspectos do enredo. Ao explicarem os motivos para a escolha dos personagens que mais apreciavam, os meninos mencionaram características associadas à força e à liderança, o fato de os personagens serem mais poderosos e bons lutadores: “Eu gosto mais do vermelho, ele tem mais força”; “Por causa que ele luta mais”; “Eu gosto mais do azul e do vermelho, porque ele é mais forte e tem força pra destruir os robôs”. Nas falas das meninas, o que mais aparece de significativo, além de citarem que as personagens mulheres do seriado lutam para salvar as pessoas, são as questões vinculadas à aparência. Assim como nas narrativas referentes ao desenho animado *Três Espiãs*, nas falas das meninas se repete o adjetivo bonita: “Eu gosto mais da amarela, porque ela é bonita. É boazinha. Eu gosto que ela luta e de ver ela lutar”; “Eu fiz os megazor e a princesa Sheila. Eu gosto de tudo dela. Porque é bonita, ela é boa e porque ela tem o cabelo grande”.

É relevante salientar que, ao falarem das personagens mulheres desse seriado, como as guerreiras de uniformes rosa e amarelo e ainda a princesa Sheila, as meninas também citaram a bondade e a sensibilidade de suas ações, o que as diferenciava dos personagens masculinos no enredo do seriado: “Eu gosto da amarela, porque ela é boazinha”; “Eu gosto de tudo da princesa Sheila, porque ela é boa”; “Eu também gosto mais da princesa, ela fala mais dos sentimentos, ela sempre que os ogros não têm coração e daí ela não briga, ela é boazinha”.

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

O dualismo bem/mal é demarcado nas referidas produções televisivas pela oposição de cores, pela emissão vocal, serena e tranquila ou executada com maior intensidade e rispidez, e pela aparência das personagens. As vilãs e os vilões apresentam traços grotescos e trajam vestimentas de cores escuras. Na visão das crianças os antagonistas eram facilmente identificáveis, pois como destacaram a uma das pesquisadoras: “Os do mal são sempre feios”. Ao analisar os filmes da Disney, Kindel discorre sobre a construção de tais dualismos, lembrando que ao representar determinadas identidades e excluir ou “demonizar” outras, as produções da mídia constituem e fixam os sujeitos sociais em específicas identidades, produzindo persistentes efeitos de sentido. Segundo a referida pesquisadora:

[...] a idéia do bem e do mal, ou dos bons e dos maus está sempre presente de forma absoluta – o que quero dizer é que não há meios termos. É como se a maldade estivesse sempre em determinados tipos de corpos e a bondade em outros. É importante destacar que para caracterizar o mal, utiliza-se, geralmente, nos filmes, uma série de marcadores culturais quase sempre associados à feiúra, à gordura e à cor escura: ou ainda, o uso de determinadas cores também serve como marcador desse dualismo. (KINDEL, 2003, p. 178)

O desenho animado e o seriado assistido pelas crianças constroem representações das personagens meninas e meninos a partir desses dualismos e, de modo bastante simplista, as meninas são caracterizadas como o oposto dos meninos. Essas representações se materializam a partir da própria imagem que, pela escolha de detalhes, acentua e revela traços caricaturais na construção das personagens meninas e mulheres, com a preponderância do cor-de-rosa nas roupas, os cílios sobressalentes e a ênfase acentuada nos atributos físicos. Além disso, as personagens heroínas ou dotadas de superpoderes são, grosso modo, extremamente sentimentais e a alteração vocal e o choro são frequentemente enfatizados para caracterizá-las.

Se para os meninos o que despertava interesse nas produções televisivas eram as *performances* das lutas simuladas e as batalhas travadas entre heróis e monstros, ou seja, a violência de faz-de-conta, entre as meninas a agressão e o triunfo assumiam outras formas: envolviam as ações de exaltar pontos fracos das adversárias e roubar namorados. As meninas não esqueceram de citar a presença de antagonistas caracterizadas como más, invejosas, vingativas e feias em oposição às heroínas boas e belas: “As espiãs têm umas amigas e elas andam pelo corredor da escola, só que tem uma que é horrível porque ela pega os namorados delas e anda toda roxo”.

Portanto, assim como os meninos ressaltaram a presença de heróis, as meninas falaram acerca das heroínas que lhes despertavam admiração, embora, em contraste com o poder enfatizado pelos meninos, que assume for-

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados seriados televisivos sob olhares infantis

mas relacionadas especificamente com a força física e com o atrativo da ficção. O poder das heroínas enfatizado pelas meninas é marcado por características como a beleza, a bondade e o triunfo diante das personagens rivais.

Como já referimos, para os meninos, as representações dos personagens masculinos do seriado *Power Rangers* aparecem associadas à força física. Esta é indissociável da liderança grupal. Por isso, os meninos foram unânimes em afirmar que "Uma menina não pode ser líder por causa que não, o mais forte é o leão". Quando questionados por uma das pesquisadoras quanto à possibilidade de uma menina ser o leão, uma vez que cada personagem possui um *zord* amado, prontamente respondeu um menino: "Daí ela não ia ser líder. Se ela fosse homem ela ia. Ia ficar ruim se o líder fosse menina por causa que as mulheres não têm força". Cabe destacar que, nas diversas variações do seriado, uma menina nunca foi líder e os posicionamentos citados deixam claro que a condição para ser líder, na visão dos meninos, é ser homem. Os desenhos animados, seriados e as produções da mídia em geral, reforçam essa associação, pois, como destaca Kindel (2003), nesses artefatos culturais, os heróis, os que salvam sua nação, sua terra ou seu povo, os que acabam sendo os personagens principais das histórias são sempre homens e, se animais, machos.

McLaren e Morris (2001) ocuparam-se em analisar os diversos significados suscitados pelo seriado *Power Rangers*, um dos programas infantis com maior audiência nos Estados Unidos. Além das frequentes confrontações violentas constituintes de uma parte importante do apelo do programa, os pesquisadores prestaram atenção ao modo como as mulheres e os grupos étnicos não-brancos são retratados. Assinalam que os personagens são codificados por cor, para revelar marcas distintivas de identidades de gênero – rosa e amarelo para as mulheres – e lembram que as personagens meninas e mulheres não apenas aparecem em menor número como assumem papéis secundários nas batalhas, preocupando-se mais detidamente com interesses amorosos e buscando aprovação de suas ações no que diz respeito ao gênero. Para os meninos: "Embora essas garotas sejam sobre-humanas, seres extraterrestres, elas estão sujeitas aos aborrecimentos do estereótipo feminino, como um desespero ao ver um namorado e rivalidade ciumenta entre elas" (p.194). Até mesmo a vilã é apresentada como exibicionista e mimada, não chegando a ser intimidadora. Já os heróis, dizem os pesquisadores, não são suscetíveis a tais conflitos interessantes, sendo descritos com características muito mais admiráveis e virtuosas.

Os meninos justificaram o número inferior de meninas no elenco do seriado, assinalando a falta de vigor físico, de destreza e força, salientando que as meninas apresentavam desvantagens em relação a eles, quando se tratava de um contexto em que a disputa e o embate físico constituem o objetivo primordial. Imitaram as personagens mulheres do seriado, assinalando que "As meninas dão gritinhos e lutam fraquinho e os meninos gritam alto e forte". Além disso, explicaram: "É por causa que os meninos lutam mais e as meninas não, lutam bem pouquinho"; "Os meninos fazem mais ação, as meninas não". Tais narrativas apontam que as produções da mídia para crianças constroem representações sobre

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

meninas e mulheres baseadas em significados que remetem à fraqueza e à vitimização e, não raras vezes, mesmo as heroínas dotadas de superpoderes tendem a assumir papéis secundários e posições coadjuvantes quando compartilham a cena com meninos.

Finalizando por ora...

As manifestações das crianças eleitas como objeto de análise no desenvolvimento de nossa experiência investigativa instigam reflexões acerca da TV como um espaço de aprendizagem ou um local de ensino que constrói representações de gênero marcadas por oposições, normatividades e dualismos. As crianças identificaram nas produções televisivas delimitações do que é próprio ou impróprio para meninas e meninos, homens e mulheres recorrendo aos significados expressos nas ações e nos comportamentos das personagens.

Isso não significa que as crianças assimilam tais significados passivamente ou que a mídia atua de modo unidirecional como meio formador na infância. O que nosso estudo sugere é que as produções televisivas direcionadas aos públicos infantis, como desenhos animados e seriados, assim como outras instituições e práticas sociais, ensinam às crianças modos de ser menina e menino pautados em significados culturais hegemônicos, demarcando como devem se comportar e brincar, o que devem preferir, desejar, consumir...

Finalizando por ora, afirmamos a relevância de que as práticas escolarizadas problematizem as representações construídas pela mídia e por outras instâncias educativas não-formais, as quais, em grande medida, legitimam formas de exclusão e desigualdades entre os gêneros.

Referências

- AUAD, D. **Educar meninas e meninos:** relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2004.
- CHRISTIAN-SMITH, L.; ERDMAN, J.I. Mãe, não é verdade! Crianças construindo a infância através da leitura da ficção de terror. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura Infantil:** a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DURKIN, K.; LOW, J. Criança, mídia e agressão: situação da pesquisa na Austrália e Nova Zelândia. In: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. (Org.). **A criança e a violência na mídia.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.
- FISCHER, R. M. B. **Televisão e educação:** pensar e fruir a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados seriados televisivos sob olhares infantis

GIROUX, H. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROEBEL, J. Acesso à mídia e uso da mídia entre as crianças de 12 anos no mundo. In: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V. (Org.). **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

JIPSON, J.; REYNOLDS, U. Tudo o que você quiser: mulheres e crianças na cultura popular. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JONES, G. **Brincando de matar monstros**: por que as crianças precisam de fantasia, videogames e violência de faz-de-conta. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

KINDEL, E. A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homens, mem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2003.

LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M. V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&P, 2005.

MCLAREN, P.; MORRIS, J. Power Rangers: a estética falo-militarista. In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Org.). **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MERLO-FLORES, T. Por que assistimos à violência na televisão? Pesquisa da campo argentina. In: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. (Orgs.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. A imagem como novo símbolo cultural. In: PORTO, T. M. E. **Redes e construção**: meios de comunicação e práticas educativas. Araraquara: JM Editora, 2003.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PORTO, T. M. E. **A televisão na escola... Afinal que pedagogia é esta?** Araraquara: JM Editora, 2000.

RAEL, C.C. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

Joice Araújo Esperança – Cleuza Sobral Dias

Notas

¹ De acordo com Minayo (1994), a abordagem qualitativa focaliza o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo ao espaço das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

² A própria trilha sonora que introduz a veiculação do desenho animado constitui uma convocação ao consumo: "Estamos prontas pra qualquer missão enfrentar, e vamos encarar... Mas toda vez que entramos no *shopping* queremos comprar!". Além disso, há várias afirmações em tom exclamativo expressas nas falas das personagens ao longo dos episódios cuja ênfase recai sobre o consumo, tais como: "Nós, meninas, temos que consumir!" e "Vamos nos divertir fazendo compras!".

³ Essa expressão refere-se aos animais virtuais gigantes, que lutam ao lado das personagens no seriado televisivo *Power Rangers Força Animal*.

Correspondência

Joice Araújo Esperança – Rua Paraíba, 467, Bairro Miguel Castro Moreira, CEP: 96211-640, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

Email: joiceesp@yahoo.com.br

Recebido em 18 de junho de 2010

Aprovado em 09 de agosto de 2010